

## Um olhar sobre o léxico empregado na comunidade quilombola Rio das Rãs, Bahia

---

A look at the lexicon used in the quilombola community Rio das Rãs, Bahia

Una mirada al léxico utilizado en la comunidad quilombola Rio das Rãs, Bahía

### Juscimaura Cangirana

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)  
jlcangirana@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0002-7451-6064>

### Elisângela Gonçalves

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)  
elisangela.silva@uesb.edu.br  
<https://orcid.org/0000-0003-4958-3553>

### RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre parte do léxico da comunidade quilombola Rio das Rãs, localizada no município de Bom Jesus da Lapa, Bahia. O Objetivo é verificar se os vocábulos *escanchar*, *estuporar*, *padiola*, *penacho*, *porunga*, *rifurão* e *sargabunda* encontram-se registrados em dicionários do português; se sim, desde quando, ou se consistem em inovações dos membros dessa comunidade. Parte-se do presente, seguindo o modelo laboviano, ao coletarem-se os dados por meio de 24 entrevistas orais registradas em inquéritos com duração de 50 minutos cada; volta-se ao passado, ao consultarem-se dicionários de Bluteau (1712-1728); Moraes Silva (1789) e Houaiss e Villar (2001). Os resultados indicam que, dos vocábulos analisados, *escanchar*, *estuporar*,

---

\* Sobre as autoras ver página 227.



*padiola*, *penacho* e *porunga* estão dicionarizados por Bluteau (1712-1728), Moraes Silva (1789) e Houaiss e Villar (2001), apresentando praticamente as mesmas acepções apresentadas pelos falantes de Rio das Rãs, e dois vocábulos *rifurão* e *sargabunda* não foram localizados nos dicionários selecionados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Léxico; Lexicologia; Lexicografia; Rio das Rãs.

### **ABSTRACT**

*This work presents a study on part of the lexicon of the quilombola community Rio das Rãs, located in the municipality of Bom Jesus da Lapa, Bahia. The objective is to verify if the words spread out, stun, stretcher, plume, porunga, rifurão and sargabunda are registered in Portuguese dictionaries; if so, since when, or if they consist of innovations by the members of that community. It starts from the present, following the Labovian model, by collecting data through 24 oral interviews recorded in surveys lasting 50 minutes each; it goes back to the past, when consulting dictionaries of the Bluteau (1712-1728); Moraes Silva (1789) and Houaiss (2001). The results indicate that, of the analyzed words, spread out, stun, stretcher, plume and porunga are dictionaries by Bluteau (1712-1728), Moraes Silva (1789) and Houaiss Villar (2001), presenting practically the same meanings presented by the speakers of Rio das Rãs, and two words rifurão and sargabunda were not found in the selected dictionaries.*

**KEYWORDS:** *Lexicon; Lexicology; Lexicography; Rio das Rãs.*

### **RESUMEN**

*Este artículo presenta un estudio sobre parte del léxico de la comunidad quilombola Rio das Rãs, ubicada en el municipio de Bom Jesus da Lapa, Bahía. El objetivo es verificar si las palabras escanchar, estuporar, padiola, porunga, rifurão y sargabunda están registradas en los diccionarios de portugués; en caso afirmativo, desde cuándo, o si consisten en innovaciones de los miembros de esa comunidad. Se parte del presente, siguiendo el modelo laboviano, recogiendo datos a través de 24 entrevistas orales registradas en encuestas de 50 minutos cada una; se remonta al pasado, al consultar diccionarios del Bluteau (1712-1728) Moraes Silva (1789) y Houaiss Villar (2001). Los resultados indican que, de las palabras analizadas, escanchar, estuporar, padiola, y porunga son diccionarios de Bluteau (1712-1728), Moraes Silva (1789) y Houaiss Villar (2001), presentando prácticamente las mismas acepciones presentadas por los hablantes de Rio das Rãs, y sólo dos palabras rifurão y sargabunda no fueron encontradas en los diccionarios seleccionados.*

**PALABRAS-CLAVE:** *Léxico. Lexicología. Lexicografía. Rio das Rãs.*

## 1 Introdução

Este artigo é decorrente da pesquisa de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, cujo objetivo é descrever e analisar o léxico registrado no *corpus* do Português Popular da comunidade quilombola Rio das Rãs, localizada no município de Bom Jesus da Lapa- Bahia. A escolha dessa comunidade se deve ao fato de ela ter uma população constituída, na sua totalidade, por descendentes de negros africanos, bem como de ter sido uma das primeiras comunidades quilombolas da Bahia a ter seu território titulado<sup>1</sup> (CARVALHO,1996), consistindo em uma rica fonte para estudos linguísticos, notadamente no que diz respeito ao léxico utilizado por seus membros.

Ao tomar por referência a amostra da língua falada na comunidade quilombola Rio das Rãs, este trabalho vincula-se aos pressupostos teóricos da Lexicologia e Lexicografia (BARBOSA, 1990; BIDERMAN, 2001; KRIEGER *et al.*, 2006) que norteiam a pesquisa. Ainda, contamos com os dicionários: *Vocabulário Português e Latino* de P. Raphael Bluteau (1712-1728); *Dicionário da Língua Portuguesa* de António de Moraes Silva (1789) e *Dicionário Houaiss* da Língua Portuguesa (HOUAISS; VILLAR, 2001). Os dicionários de Bluteau (1712-1728) e Moraes Silva (1789) foram selecionados por contemplarem grande parte do léxico da língua portuguesa, e também por serem referências nos estudos lexicográficos. O de Houaiss e Villar (2001), foi escolhido por este ser bem-conceituado entre os estudiosos da área. O objetivo que norteia o uso desses dicionários é verificar se as palavras analisadas neste trabalho são registradas nessas obras.

Embasado pelos pressupostos da Lexicologia e da Lexicografia, o estudo do léxico dessa comunidade é direcionado a partir das seguintes questões/problemas: (i) O que leva falantes da comunidade quilombola Rio das Rãs a empregarem na atualidade palavras não “corriqueiras” na variedade urbana do português brasileiro? (ii) Essas palavras estão dicionarizadas ou consistem em inovações dos membros dessa comunidade? (iii) A partir de quando essas palavras foram registradas (se registradas)?

Assim, parte-se da hipótese de que algumas palavras usadas por alguns falantes da comunidade Rio das Rãs estão registradas em obras lexicográficas que abrangem o século XVIII e contemporâneas, e o uso desses vocábulos não corriqueiros por esses falantes poderá ser devido ao que Milroy (1987-

---

<sup>1</sup> Rio das Rãs teve seu território titulado pela Fundação Cultural Palmares no ano de 1993.

1980) chama de *localismo*, ou seja, ao sentimento de pertencimento do indivíduo ao lugar em que reside, que decorre do valor a ele atribuído.

Dessa forma, tem-se como objetivo principal investigar se essas palavras estão registradas em dicionários ou se são formas inovadoras da comunidade, e como objetivos específicos:

- Realizar um mapeamento das unidades lexicais como marcas pertencentes à comunidade, antes que elas desapareçam.

- Analisar e descrever o léxico coletado nessas entrevistas, buscando correlacionar seu significado ao encontrado nos dicionários selecionados.

- Verificar se o isolamento da comunidade que ocorreu por muitos anos favoreceu a conservação desses vocábulos na fala dos moradores, principalmente, dos mais velhos.

- Elaborar um glossário com as unidades lexicais registradas na fala dos moradores da comunidade quilombola Rio das Rãs, como forma de preservar essas lexias. Com este estudo na área do léxico, esperamos contribuir, de alguma maneira, para registrar unidades lexicais presentes no português falado por uma comunidade rural, que se formou e se conservou durante muito tempo em um relativo isolamento geográfico e tecnológico, e, conseqüentemente, enriquecer os estudos sobre o português brasileiro.

Após essa reflexão feita na introdução, organizamos este artigo em três seções, assim como nas considerações finais e nas referências.

## **2 Marco teórico**

Nesta seção, apresentamos os pressupostos teóricos que orientam este trabalho, a saber, a Lexicografia e a Lexicologia, especificados por Barbosa (1990); Biderman (1984 - 2001) e Krieger *et al.* (2006). Com esse propósito, serão apresentados também os caminhos percorridos pela Lexicografia na visão de Biderman (1984), bem como o papel da Lexicografia e da Lexicologia e o conceito de léxico para a análise do objeto em estudo. Salientamos que todos os pontos teóricos abordados nesta seção nos auxiliam, de alguma forma, na compreensão e enriquecimento da análise empreendida.

### **2.1 O léxico**

O léxico de uma língua está relacionado à cultura da sociedade que o utiliza. Classifica, de maneira única, as experiências humanas de uma cultura, não apresentando, desse modo, apenas um conjunto de palavras, mas servindo

como uma espécie de ponte entre os falantes de uma língua em suas condições reais de uso.

Dessa forma, o léxico é constituído por um grupo de palavras que formam uma determinada língua de uma comunidade. Na concepção de Biderman,

[...] o universo conceptual de uma língua natural pode ser descrito como um sistema ordenado e estruturado de categorias léxico-gramaticais. As palavras geradas por tal sistema nada mais são que rótulos, através dos quais o homem interage cognitivamente com o seu meio. Vale a pena insistir no fato de que as categorias léxicas variam de língua para língua, raramente ocorrendo que dois idiomas sejam dotados dos mesmos tipos categoriais (BIDERMAN, 2001, p. 14).

Nesses termos, devido à língua apresentar-se como algo heterogêneo, além de variar no tempo e no espaço, o léxico revela, de certo modo, as mudanças que ocorrem em uma comunidade, pois reflete todas as atitudes de um povo. Assim, resulta da experiência exercida pela sociedade no decorrer dos anos, sendo preservado ou renovado constantemente pelos falantes de dada comunidade linguística.

Em virtude das mudanças sociais e culturais que ocorrem na sociedade, muitas palavras vão caindo em desuso ao longo do tempo, chegando até mesmo ao desaparecimento, ao passo que muitas delas também podem voltar a aparecer, apresentando uma nova ou a mesma aceção. Assim, o léxico pode ser identificado como

[...] o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras (BIDERMAN, 2001, p. 14).

Nesse caso, percebe-se a grandiosidade da língua para o ser humano, pois é através dela que o homem se comunica, interage e preserva a sua cultura. Sendo assim, o léxico de uma língua é aberto e está sujeito a transformações; uma vez que a sociedade em que os falantes estão inseridos não é estável, o léxico não pode ser restrito, porque novas vivências e acontecimentos aparecem e necessitam ser denominados.

O léxico, portanto, como afirma Biderman (2001, p. 132), pode ser considerado como “o tesouro vocabular de uma determinada língua [...]”. Nesses termos, os estudos lexicais podem contribuir para a preservação da memória de um povo, bem como para o reconhecimento do falar local.

## 2.2 *Lexicografia*

As obras lexicográficas surgiram no Brasil a partir do século XIX, com as primeiras produções de dicionários, época também em que as primeiras obras passam a registrar o léxico do português brasileiro, construindo a identidade lexical do Brasil. Segundo Biderman (1984), apesar de a verdadeira lexicografia iniciar-se nos tempos modernos, houve obras de cunho vagamente lexicográfico já na Antiguidade e na Idade Média. De acordo com a autora (1984, p. 1), nesse período, só há referências a glossários, obras lexicográficas gregas de Alexandria, e entre os latinos, o *Appendix Probi*. Biderman (1984, p. 1) ainda afirma que esses precursores do moderno lexicógrafo eram, na verdade, filólogos e gramáticos, preocupados com a compreensão de textos literários anteriores, ou com a correção de “erros” linguísticos.

Nesses termos, observa-se que, no período medieval, surgiram diversas obras lexicográficas, em especial os glossários de Reichenau (do século VIII), Glossário de Cassel, do século IX, o *Papias* e o *Catholicon*, de João Balbo de Gênova, do século XV, primeiro dicionário impresso por Gutemberg, e *Etimologias* de Santo Isidoro de Sevilha (BIDERMAN, 1984). As obras de *Etimologias* trazem uma concepção mística do mundo e da linguagem que tende a referir a língua e as palavras a um sistema de significação que se refere a Deus, adulterando-lhes, pois, a natureza. De início, os glossários eram consultados somente por mestres, pois tratava-se de textos complexos, volumosos e de manipulação muito difícil. Posteriormente, com a descoberta da imprensa e com a expansão da escolarização na Europa, essas obras tornaram-se mais acessíveis (BIDERMAN, 1984).

Observa-se que, no período moderno, a prática lexicográfica começou a se fortalecer. Apareceram os primeiros dicionários espanhóis: o *dicionário Universal Vocabulário*, de Alonso Palencia (1490), o *vocabulário Latino Español*, de Antonio de Nebrjia, que, em 1507, produziu também um dicionário latim-catalão. Para Biderman (1984, p. 2), no século XVII, o número de dicionários monolíngues aumentou consideravelmente. Podem-se

citar desta época o *Tesoro de la Lengua Castellana*, de autoria de Sebastian Covarrubias, o Dicionário de Academia Espanhola - *Diccionario Autoridades*, da Real Academia Espanhola e os dicionários franceses Richelet, Furetière e o *Dicionário da Academia Francesa*. Esse dicionário de Covarrubias é identificado como uma obra de grande valor, principalmente por ser considerado uma obra enciclopédica ao oferecer informações complexas a respeito da cultura da época. De acordo com Biderman (1984, p. 2), “os dicionários seiscentistas eram cheios de lacunas e os dicionaristas da época copiavam-se uns aos outros.”. No século XVIII, a Enciclopédia é considerada uma obra que caracteriza os esforços lexicográficos da época, cujo projeto foi impulsionado por Diderot e D’Alembert, mas posteriormente outros integrantes colaboraram na elaboração da obra como: Holbach, Jacourt, Montesquieu e Turgot (BIDERMAN, 1984).

Em relação à lexicografia portuguesa, há o *Vocabulário Portuguez e Latino*, de autoria do Padre Rafael Bluteau, elaborado em Coimbra, entre os anos de 1712 e 1721, e considerado por Biderman (1984, p. 4), “o melhor entre os mais antigos dicionários do português”. Essa obra apresenta característica enciclopédica, mostra diversas informações tanto sobre o latim quanto sobre o português. Outra obra-prima de grande valor lexicográfico é o *Dicionário da Língua Portuguesa*, da autoria de Antônio de Moraes Silva, publicado em Portugal (Lisboa), em 1789. O primeiro exemplar dessa obra era um resumo do Dicionário de Bluteau.

No Brasil do século XX, muitas obras merecem destaque: o *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascentes (1961-1967), o *Vocabulário da Língua Portuguesa* (1981), o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, (1975; 1986; 1999), o *Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (1998), o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS; VILLAR, 2001) e o *Dicionário UNESP do português contemporâneo* (2004), de Borba e colaboradores.

Nessa perspectiva, a Lexicologia fundamenta a produção de obras de referência, como é o caso dos dicionários. De acordo com Biderman (2001, p. 19), “o dicionário de língua registra a norma lexical corrente na sociedade”. Nesse caso, o lexicógrafo deve escolher os vocábulos que organizarão as entradas na obra com base em um *corpus* de referência, que possa analisar suas frequências de uso em determinada época, uma vez que seu papel consiste em sistematizar o léxico de uma língua, registrando-o e descrevendo-o.

Seguindo o pensamento de Krieger *et al* (2006) observa-se que:

O dicionário de língua – a mais prototípica das obras lexicográficas – constitui-se no único lugar que reúne, de modo sistemático, o conjunto dos itens lexicais criados e utilizados por uma comunidade linguística, permitindo que ela se reconheça a si mesma em sua história e em sua cultura. Além de se constituir em espelho da memória social da língua, o dicionário desempenha o papel de legitimar o léxico. E, como tal, alcança o estatuto de um código normativo que define parâmetros orientadores dos usos lexicais (KRIEGER *et al*, 2006, p. 174).

Sendo assim, ao percorrer esses caminhos, a Lexicografia trabalha com a descrição e a análise do léxico realizadas pela Lexicologia. Dessa forma, a função da Lexicografia é a produção de obras lexicográficas, como dicionários, glossários e vocabulários. Essas produções podem ser de caráter histórico, etimológico, ortográfico, terminológico, entre outros. Além disso, a Lexicografia favorece uma ampla gama de estudos no campo da Lexicologia, a exemplo dos neologismos, arcaísmos, empréstimos linguísticos, regionalismos etc.

### **2.3 Lexicologia**

Diversas pesquisas foram desenvolvidas no campo do léxico a partir dos anos 50. Nesse contexto, as obras *La méthode en Lexicologie*, de George Matoré (1957) e *Cahiers de lexicologie*, de B. Quemada (1960) retratam o surgimento da Lexicologia como campo da Linguística.

A Lexicologia é uma área da linguística que tem por objeto de estudo o léxico de uma determinada língua, sob diversos níveis: fonológico, morfológico, sintático e, notadamente, com o semântico. Ao analisá-lo, o pesquisador busca mostrar a origem, a forma e a acepção das palavras. Nessa concepção, Barbosa (1990, p. 157) afirma que a “lexicologia estuda o universo de todas as palavras, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança”.

Através da Lexicologia, torna-se viável analisar e descrever cientificamente as unidades léxicas de uma comunidade linguística. Isso é concebível porque cada vocábulo está relacionado a especificidades distintas referentes ao momento histórico em que surge e em que passa a ser utilizado, ao espaço geográfico a que pertence, entre outros fatores.

Postas essas reflexões, e, tendo em vista a contribuição que a Lexicologia e a Lexicografia podem oferecer para o refinamento desta

pesquisa, na próxima seção, seguiremos com os procedimentos metodológicos deste estudo.

### 3 Metodologia

Nesta seção, apresentam-se os procedimentos metodológicos adotados na realização deste estudo na comunidade quilombola Rio das Rãs, localizada no município de Bom Jesus da Lapa - BA.

A amostra aqui utilizada, constituída conforme a metodologia laboviana (1972-2008), foi extraída do banco de dados do Português Popular da comunidade quilombola Rio das Rãs – Bahia. A coleta e organização do *corpus* foi realizada pela Universidade Federal do Oeste da Bahia, Campus de Bom Jesus da Lapa - BA, em cujo domínio se encontra.

O *corpus* em tela é formado por entrevistas feitas com 24 informantes, registradas em inquéritos com duração de 50 minutos cada. Para a organização do *corpus*, os informantes foram selecionados considerando perfis sociais como: a) *sexo* (12 do sexo masculino e 12 do sexo feminino); b) *faixa etária* (08 jovens – 25 a 35 anos; 08 adultos – 45 a 55 anos; 08 idosos – com mais de 65 anos); c) *grau de escolaridade* (12 com escolarização e 12 semi-escolarizados); d) *exposição à mídia*; e) *rede de relações sociais*. Dessa forma, dos fatores extralinguísticos selecionados para a organização do *corpus*, a *faixa etária*, a *escolaridade* e a *rede de relações sociais* são de suma importância para a análise dos resultados neste estudo.

Para alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, foi feito um levantamento dos vocábulos empregados por falantes dessa comunidade no referido *corpus*, com o auxílio do programa AntConc<sup>2</sup>. Após esse levantamento, foi feita a verificação da existência desses vocábulos nos dicionários de Vocabulário Português & Latino de Bluteau (1712 - 1728); Dicionários de Língua Portuguesa de Moraes Silva (1789); e *Dicionário Houaiss* da Língua Portuguesa (HOUAISS; VILLAR, 2001), observando-se a correlação ou não entre o significado de cada um deles com o significado atribuído na fala dos informantes. Para sistematizar e analisar os dados coletados em entrevistas orais e, posteriormente, transcritos seguindo a metodologia adequada, elaborou-se uma ficha para cada lexia. Nessas fichas, constam as lexias

---

<sup>2</sup> O AntConc é um programa escrito em Perl 5.8, utilizando o editor de texto ActiveState Komodo e que é rodado em qualquer ambiente Windows, bem como em Macintosh OSX e Linux (ALBERTS-FRANCO, 2015, p. 186).

acompanhadas de classificações gramaticais (substantivos, adjetivos, verbos), número de ocorrências, abonações, definição<sup>3</sup>, especificação quanto ao fato de serem ou não dicionarizadas (quando o dicionário não registra o vocábulo, indica-se “n/e”).

Na próxima seção, realizam-se a descrição e análise dos dados catalogados em fichas lexicográficas.

#### 4 Descrição e análise dos dados

Para a análise do léxico nesta pesquisa, foram escolhidas sete unidades lexicais presentes na amostra. Assim, será realizada a descrição e análise dos dados retirados do *corpus*, selecionados a partir de entrevistas realizadas na comunidade quilombola Rio das Rãs, conforme discutido na seção anterior, apresentados em fichas, para fins de sistematização. As sete lexias são apresentadas abaixo em ordem alfabética e transcritas respeitando-se o falar dos informantes<sup>4</sup>. Em seguida, são apresentadas as fichas lexicográficas.

- (1) Escanchar
- (2) Estuporar
- (3) Padiola
- (4) Penacho
- (5) Porunga
- (6) Rifurão
- (7) Sargabunda

1. **Escanchar** [verbo] \_\_\_\_\_ 02  
OCORRÊNCIAS

[...] eu falo com a turma hoje, na Lapa já tem um detaro, uns véi falava do mundo, porque o camarada que não tem, que não tem letra o, o, o, o, o [*bracento*] **escanchar** nele, (risos), **escanchar**, as coisa, porque só ali é um lugar que você tá veno as coisa, cê não sabe nem fazer aquelas, o, o, o, como mustura, é um *conhecimente*, né? (ADS, 66 anos, homem, Rio das Rãs).

Escanchar (ADS,<sup>5</sup> 66 anos, homem, Rio das Rãs): Tirar proveito.

<sup>3</sup> A definição das palavras na fala do informante é depreendida pelo contexto e a dos dicionários consultados foi retirada tal qual se encontra registrada nos mesmos.

<sup>4</sup> Não se trata de uma transcrição fonética, mas de uma transcrição ortográfica, reproduzindo-se algumas realizações regionais ou individuais, tais como: troca do r pelo l (rotacismo), *sargabunda*; queda do d do gerúndio, *veno*; queda de sílaba inicial da palavra, cê (para você), tá (para está); entre outros fenômenos.

<sup>5</sup> As letras referem-se ao nome e sobrenome dos informantes do presente artigo.

**Registro em dicionários:**

1. Bluteau (1712-1728): n/e
2. Moraes Silva (1789, p. 808):  
Escanchar: V. trans. Alargar, estender, separar de meio a meio.
3. Houaiss e Villar (2001):  
Escanchar: V. transitivo. Desconjuntar; abrir ou separar ao meio.

Os resultados obtidos revelam, primeiramente, que, das palavras analisadas neste estudo, o vocábulo *escanchar* registrado na fala dos informantes, encontra-se dicionarizado no Dicionário da Língua Portuguesa por Moraes Silva (1789, p. 808), a partir do século XVIII, com a seguinte acepção: *v. trans. Alargar, estender, separar de meio a meio*. Decidiu-se por verificar se há coincidência entre o significado apontado por Moraes Silva (1789) e o apresentado no Dicionário de Houaiss e Villar (2001), um dicionário contemporâneo, e na fala do informante. Nesse dicionário contemporâneo, *escanchar* é descrito como *verbo transitivo*, com as acepções de *desconjuntar; abrir ou separar ao meio*. Esses significados são similares aos apresentados por Moraes Silva (1789). Verifica-se, todavia, uma diferença crucial no sentido atribuído a esse vocábulo pelo membro da comunidade de Rio das Rãs, segundo o qual *escanchar* significa *tirar proveito* no contexto apresentado: “[...] refere-se ao camarada que não tem letra, ou seja, não tem conhecimento, alguém vai tirar proveito” (ADS, 66 anos, homem, Rio das Rãs).

**2. Estuporar** [verbo] \_\_\_\_\_ 02  
 OCORRÊNCIAS

“O que foi que aconteceu com fulano?” Sempre só morria, mas era difícil de morrer também, a não ser aqueles menino que morria de sete dia, que tinha a palavra que falava de, não sete dia mesmo, né? Mas o sete dia, o mal de sete dia, era, morria uma pessoa sempre de idade, desculpava com *estoporo*, as vez era *estoporo*, ficava alejado na cama, só que aquilo era o mais né? (ADS, 66 anos, homem, Rio das Rãs).

Estuporar (ADS, 66 anos, homem, Rio das Rãs): ficar aleijado na cama, choque térmico.

**Registro em dicionários:**

1. Bluteau (1712-1728): n/e
2. Moraes Silva (1789, p. 861):  
Estuporar: V. trans. Fazer cair em estupor, quando uma parte adormece.
3. Houaiss e Villar (2001):  
Estuporar: V. transitivo. Fazer cair em estupor; apavorar, assombrar.

Conforme verificado na ficha lexicográfica acima, o vocábulo *estuporar* está registrado no Dicionário de Moraes Silva (1789, p. 861), a partir do século XVIII, com o sentido de *fazer cair em estupor*, o mesmo que se verifica parcialmente em Houaiss e Villar (2001), que, por sua vez, expande o significado dessa palavra, apresentando seus sentidos figurados (que não é o da medicina, que define como *estupor*): *apavorar, assombrar*. O trecho falado pelo morador de 66 anos de Rio das Rãs traz a acepção relacionada à medicina, apontada no Dicionário de Moraes Silva e na primeira parte do Dicionário de Houaiss e Villar: “[...] ficava aleijado na cama, ou significa choque térmico” (ADS, 66 anos, homem, Rio das Rãs).

<p><b>3. Padiola</b> [Substantivo] _____03 OCORRÊNCIAS</p> <p>Era <b>padiola</b>. Mas como é a <b>padiola</b>? Né? A <b>padiola</b> era o seguinte: a padiola pegava dois pau, e colocava e marrava, aquilo num pano, numa coberta bem forte que guentava, como se fosse uma rede. E ali vinha quatro pessoa, pra carregar” (LFSS, 70 anos, Rio das Rãs).</p> <p><u>Padiola</u> (LFSS, 70 anos, Rio das Rãs): espécie de rede feita com coberta e quatro paus para carregar coisas.</p>
<p><b>Registro em dicionários:</b></p> <p>Bluteau (1712-1728, p.105): <u>Padiola</u>: sf. Instrumento de braços em que pegão dous homens, &amp; acarretão pedras, lenhas. 2. Moraes Silva (1789): n/e 3. Houaiss e Villar (2001):</p> <p><u>Padiola</u>: sf. Tipo de recipiente utilizado para transportar materiais como areia, tijolos; cujas formas, quadrada ou retangular, estão fixadas por quatro varais. Leito de emergência, feito com um material flexível, para transporte de feridos ou doentes.</p>

O vocábulo *padiola*, registrado na fala de um senhor de 70 anos, encontra-se dicionarizado por Bluteau (1712-1728, p. 105), a partir do século XVIII, no Dicionário *Vocabulario Portuguez & Latino*, com a seguinte acepção: *Instrumento de braços em que pegão dous homens, & acarretão pedras, lenhas*, como pode ser visto na ficha lexicográfica. No Dicionário de Houaiss e Villar (2001), *padiola* é descrito como “[...] recipiente utilizado para transportar materiais como areia, tijolos [...]”, como também enquanto sinônimo de maca: *Leito de*

*emergência, feito com um material flexível, para transporte de feridos ou doentes.* O primeiro significado se assemelha ao apresentado em Bluteau, assim como o apresentado no excerto retirado da entrevista com o morador de Rio das Rãs: “[...] A padiola era o seguinte: a padiola pegava dois pau, e colocava e marrava, aquilo num pano, numa coberta bem forte que guentava, como se fosse uma rede. E ali vinha quatro pessoa, pra carregar” (LFSS, 70 anos, Rio das Rãs).

**4. Penacho** [Substantivo] \_\_\_\_\_  
OCORRÊNCIAS

" O que é o que é, água na prata, fulor no cacho quando era novo, bonito os **penacho**? Fala professora, pega o dicionário, cê não tá com ele aí não? Sabe o que é? Não sabe não? sabe o que é? Banana ... banana, não tem a banana prata? Não tem? O nome, banana da prata, pois é, é isso. Tá falando certinho, água na prata, fulor no cacho, que é as fulor, como tá novo os pé alto, bonito os **penachos**, que é o cacho [...] (APS, 86 anos, Rio das Rãs).

*Penacho* (APS, 86 anos, Rio das Rãs): cacho de banana, as flores no cachos da banana.

**Registro em dicionários:**

1. Bluteau (1712-1728, p. 125):

Penacho: Sm. Molho de penas de avestruz que alzug foldados trazem no chapeo.

2. Moraes Silva (1789): n/e

3. Houaiss e Villar (2001):

Penacho: Sm. Conjunto de penas em ramo com que se ornem chapéus, capacetes etc.

Verifica-se, na ficha lexicográfica acima, que tanto em Bluteau (1712-1728, p. 125), um dicionário do século XVIII, quanto em Houaiss e Villar (2001), um dicionário contemporâneo, permanece, ao longo do tempo, a mesma acepção para o vocábulo *penacho*. Todavia o vernáculo de um homem de terceira idade da comunidade estudada ganha uma nova acepção, não dicionarizada, referindo-se aos *cachos da banana*. Algo digno de nota é o trabalho lexicográfico empreendido pelo falante ao "desafiar" a professora a apresentar a definição de penacho, inclusive incitando-a a consultar um dicionário. Isso demonstra o fato de essa não ser uma palavra de uso ordinário no português brasileiro.

<p><b>5. Porunga</b> [Substantivo] _____</p> <p>OCORRÊNCIA</p> <p>[...] Panhava água de cabaça, de primeiro era cabaça, não tinha nem lata quase, era aquelas cabaça, aquela <b>porunga</b> que enchia no rio pegava água pra cozinhar, e era assim essas coisa (DAO, 51 anos, Rio das Rãs).</p> <p><u>Porunga</u> (DAO, 51 anos, Rio das Rãs): espécie de cabaça para carregar água</p>
<p><b>Registro em dicionários:</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau (1712-1728): n/e</li> <li>2. Moraes Silva (1789): n/e</li> <li>3. Houaiss e Villar (2001):</li> </ol> <p><u>Porunga</u>: sf. Cabaça, cuia; poronga.</p>

A palavra *porunga* não foi localizada nos dois dicionários selecionados do século XVIII, Bluteau (1712-1728) e Moraes Silva (1789), sendo verificada, no entanto, no português contemporâneo, registrado no Dicionário de Houaiss e Villar (2001), significando *cabaça*, *cuia*, as mesmas acepções presentes na fala do morador de Rio das Rãs: "[...] cabaça, aquela porunga que enchia no rio pegava água pra cozinhar [...]" (DAO, 51 anos, Rio das Rãs).

<p><b>6. Rifurão</b> [Substantivo] _____</p> <p>OCORRÊNCIA</p> <p>[...] “O serviço de roça eu sei tudo: eu sei plantar, eu sei bater máquina, trabalhara na enxada, bater enxadão, eu sei bater <b>rifurão</b>. Eu sei fazer tudo, tudo de roça, de roça eu sei”. (MAX, 30 anos, Rio das Rãs).</p> <p><u>Rifurão</u> (MAX, 30 anos, Rio das Rãs): serviços da roça, trabalho.</p>
<p><b>Registro em dicionários:</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Bluteau (1712-1728): n/e</li> <li>2. Moraes Silva (1789): n/e</li> <li>3. Houaiss e Villar (2001): n/e</li> </ol>

Observa-se que essa palavra não foi localizada nos dicionários selecionados. No entanto, na fala do morador significa que *a pessoa a quem ele se refere sabe fazer todo serviço de roça*. Assim, esse vocábulo pode ser próprio do falar local, ou seja, consiste em uma forma inovadora da comunidade.

7. **Sargabunda** [Substantivo] \_\_\_\_\_ 02  
OCORRÊNCIAS

[...] Eu conheci um negócio de, de sandália que era assim, o nome da sandália era **sargabunda**, pegava um corão assim botava de molho, o ... o coro do gado, e metia assim no pé do menino e botava, e o botão era desse ... desse tamanho aquele botãozão, dava aquele nol, e quando a gente caminhava assim, pegava na bunda, chap! chap! chamava antigamente o chinelo era de **sargabunda** (IAN, 29 anos, Rio das Rãs).

*Sargabunda* (IAN, 29 anos, Rio das Rãs): sandália de couro de gado.

**Registro em dicionários:**

1. Bluteau (1712-1728): n/e
2. Moraes Silva (1789): n/e
3. Houaiss e Villar (2001): n/e

Esse vocábulo, também não foi localizado em nenhum dicionário selecionado para a comparação mencionada. Nos termos do morador, esse vocábulo significa *sandália de couro de gado que o menino metia o dedo e jogava areia para trás e batia na bunda (nádegas)*. Essa palavra foi encontrada no Dicionário Baianês (LARIÚ, 2010), trazendo praticamente a mesma acepção da fala do morador: *Chinelo de couro, de enfiar o dedo*. Observa-se, também que, nessa palavra sargabunda, ocorre o processo fonológico de rotacismo, a troca da letra *l* (salgabunda) por *r* (sargabunda). Ainda encontramos essa palavra com outra denominação *currulepe* no conto online **As sandálias currulepe**, de Lima, *et al* (2008). Para os autores, *a currulepe é precursora da sandália japonesa e traz consigo uma designação pejorativa de salga-bunda. Isso porque, não tendo rabicho, ao se andar, vai levantando areia e jogando no traseiro do indivíduo.*” Em sua tese, Ferraz (2011) analisa dados de sujeitos provenientes do extremo norte do Tocantins (dos povoados de São Raimundo e Nunes). A autora verifica na entrevista de um deles o uso do termo *currulepe (salgabunda)*, ao se questionar sobre “[...] como adquiriam vestimenta e calçado [...] B2: “As vez fazia aquelas praconas de coro crú mesmo. Chamava corrulepe... quando a gente caminhava ela dava lapada no pé da gente aquele couro ela batia na areia, é chamava até também salga bunda, por causa da areia que jogava areia detrás.” (FERRAZ, 2011, p. 105). A autora menciona a descrição feita para esse instrumento por Moura Lima (1999), um escritor tocantinense, em seu livro *Veredão*:

[...] e foi riscando com ponta da faca o contorno. E depois de riscado o desenho da sola do pé, cortou no capricho o contorno. Passou novamente na sobra do couro a faca e tirou as tiras das correias para o cabrestilho. Furou os pontos de perpasso, deu o nó de reforço. E pronto! Estava assim feita a salgabunda, a rústica alpercata sertaneja (MOURA LIMA, 1999, p. 14 apud FERRAZ, 2011, p. 105).

Evidenciado o processo de descrição e análise de dados, apresentamos a seguir as considerações finais deste trabalho.

### Considerações finais

O objetivo proposto neste estudo, o de descrever e analisar o léxico registrado no *corpus* do Português Popular da comunidade quilombola Rio das Rãs, foi alcançado. Quanto às questões apresentadas na Introdução, são retomadas a seguir com suas respostas, discutidas ao longo do trabalho, sumarizadas.

Respondendo à primeira questão, a justificativa para os falantes da comunidade quilombola Rio das Rãs empregarem, na atualidade, palavras não “corriqueiras” na variedade urbana do português brasileiro, tais como *escanchar*, *estuporar*, *padiola*, *penacho* e *porunga*, verificadas em dicionários do século XVIII, remete à formação desse quilombo que fez com que essa população vivesse em um relativo isolamento geográfico por muitos anos, o qual, provavelmente, permitiu a conservação desses vocábulos em sua fala, principalmente na dos moradores mais velhos.

Com relação à segunda e terceira questões apontadas (i) se as palavras estão dicionarizadas ou consistem em inovações dos membros dessa comunidade e (ii) a partir de quando essas palavras foram registradas), por meio do estudo aqui apresentado, constatou-se que os vocábulos *escanchar*, *estuporar*, *padiola*, *penacho* e *porunga* estão registrados desde o século XVIII, nos dicionários Bluteau (1712-1728) e Moraes Silva (1789), e no contemporâneo Dicionário de Houaiss e Villar (2001), ao passo que os vocábulos *rifurão* e *sargabunda* não foram localizados nos dicionários selecionados, podendo, assim, ser consideradas próprias de falares locais, consistindo em inovação dos membros da comunidade. Enquanto a palavra *salgabunda* foi verificada na pesquisa de Ferraz (2011), na região de Tocantins; *rifurão* só foi encontrada por nós na fala desses moradores.

Esperamos que essa breve análise, que retrata uma etapa inicial dos estudos, a serem ampliados no decorrer do doutorado, possa ter trazido contribuições (por meio da descrição e análise de dados) para os trabalhos da área da Lexicologia.

## REFERÊNCIAS

- ALBERTS FRANCO, C. C. Linguística de corpus e terminologia bilíngue: o programa AntConc e a extração de termos em alemão. **The ESpecialist**, São Paulo, v. 36, n.2, p. 182-202, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/esp/article/download/23977/17279/0>. Acesso em: 18 out. 2021.
- BARBOSA, M. A. **Léxico, produção e criatividade**. 2. ed. São Paulo, Global, 1990.
- BIDERMAN, M. T. C. A ciência da lexicografia. **Alfa**, São Paulo, v. 28 (supl.), p. 1-26, 1984. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3676/3442>. Acesso em: 12 jun. 2022.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria Linguística: teoria lexical e linguística computacional**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BLUTEAU, R. **Vocabulário Portuguez e Latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.
- BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- CARVALHO, J. J. **O Quilombo do Rio das Rãs: Histórias, tradições, lutas**. Salvador: EDUFBA, 1996.
- FERRAZ, E. P. N. **Lugar e parentela: educação de sujeitos em povoados no extremo norte do Tocantins**. 2011. 182 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2011.
- FERREIRA, A. B. H; F, M. B.; A., M. **Aurélio Séc. XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3ª ed. totalm. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KRIEGER, M. G. *et al.* O século XX, cenário dos dicionários fundadores da Lexicografia Brasileira: relações com a identidade do Português do Brasil. **Alfa**, São Paulo, v. 50, n. 2, p. 173-187, 2006. Disponível em:

<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1418/1119>. Acesso em: 12 jun. 2022.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Trad. M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 1972, 2008.

LARIÚ, N. **Dicionário de baianês**. Salvador: Editora do Autor, 2010. Disponível em: <https://jacaroa.wordpress.com/2010/08/26/parte-2-dicionario-de-baianes/>. Acesso em 20 de out. 2021.

LIMA, A. SILVA, F. A. *et al.* **O Brasil nosso de cada dia**, 2008. Disponível em: <https://www.dbtabulador.com.br/usina/exibelotexto.php?cod=14221&cat=Contos>. Acesso em: 18 out. 2021.

**MICHAELIS**: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MILROY, L. **Language and social networks**. 2. ed. Oxford: Blackweel. 1987 [1980].

MORAES, A. S. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Empresa Literária Fluminense, 1789.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário de língua portuguesa da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1967.

*Recebido em 20 de março de 2022.*

*Aceito em 8 de junho de 2022.*

*Publicado em 28 de julho de 2023.*

## **SOBRE AS AUTORAS**

**Juscimaura Cangirana Balbino** é doutoranda (2021) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) - Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) e Mestra em Linguística (2019) pela mesma instituição (PPGLin). É pesquisadora na área da Linguística, com ênfase na Sociolinguística, Lexicologia e Lexicografia.

**Elisângela Gonçalves da Silva** é doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2012). Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (2004). Atualmente faz parte do corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin/UESB) e é professora titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. É membro do "Grupo de Pesquisa das Estruturas Gramaticais e de Aquisição da Linguagem" (Uesb/CNPq) e do "Grupo de Pesquisa

em Estudos da Língua(gem)" (GPEL/Uesb/CNPq). Tem experiência na área disciplinar de Linguística, com ênfase em Gramática, Linguística Histórica e Linguística de Corpus, atuando principalmente nos seguintes temas: língua, português brasileiro, português medieval, oralidade e escrita.